

“O mais célebre santuário do mundo”: romarias e o espaço sagrado no Santo Juazeiro (1920-1936)

Magno Francisco de Jesus Santos¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i40.54768>

Resumo: Este artigo tem como escopo as romarias do Juazeiro do Norte entre 1920 e 1936. Trata-se do período que encobre o último decênio de atuação do Padre Cícero Romão Batista e dos primeiros anos após o seu falecimento. O meu propósito é entender a construção dos espaços sagrados a partir da experiência dos romeiros registradas por dois cronistas: Manoel Bergstrom Lourenço Filho e Agostinho Balmes Odísio. Por meio dessas fontes torna-se possível entender como os diferentes espaços do Santo Juazeiro foram sacralizados a partir das experiências das romarias, transformando a pequena cidade em um dos mais emblemáticos santuários do mundo.

Palavras-Chaves: santuário, espaço sagrado, romaria, Juazeiro do Norte.

“The most celebrated sanctuary in the world”: pilgrimage and the sacred space in the Saint ‘Juazeiro’ (1920-1936)

Abstract: This article has as its scope the pilgrimages of Juazeiro do Norte between 1920 and 1936. This is the period that covers the last decade of activity of Father Cícero Romão Batista and the first years after his death. My purpose is to understand the construction of sacred spaces from the experience of the pilgrims recorded by two chroniclers: Manoel Bergstrom Lourenço Filho and Agostinho Balmes Odísio. Through these sources it is possible to understand how the different spaces of Santo Juazeiro were sacralized from the experiences of the pilgrimages, transforming the small city into one of the most emblematic sanctuaries in the world.

Key Words: sanctuary, sacred space, pilgrimage, Juazeiro do Norte.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Email: magnohistoria@gmail.com.

"El santuario más famoso del mundo": romerías y el espacio sagrado en el Santo Juazeiro (1920-1936)

Resumen: Este artículo tiene como alcance las peregrinaciones de Juazeiro do Norte entre 1920 y 1936. Este es el período que cubre la última década de actividad del padre Cícero Romão Batista y los primeros años después de su muerte. Mi propósito es comprender la construcción de espacios sagrados a partir de la experiencia de los peregrinos registrados por dos cronistas: Manoel Bergstrom Lourenço Filho y Agostinho Balmes Odísio. A través de estas fuentes es posible entender cómo los diferentes espacios de Santo Juazeiro fueron sacralizados de las experiencias de las peregrinaciones, transformando la pequeña ciudad en uno de los santuarios más emblemáticos del mundo.

Palabras clave: santuario, espacio sagrado, peregrinación, Juazeiro do Norte.

Recebido em 13/07/2020 - Aprovado em 05/04/2021

Considerações Iniciais

O Juazeiro ou há de acabar como *o mais célebre santuário do mundo* ou então acabará muito mal, dando muito trabalho ao governo e à Igreja (TÁVORA, 1891, apud LIRA NETTO, 2009, p. 93).²

Este artigo tem como epígrafe um alerta em tom profético do então pároco do Crato, Antônio Fernandes da Silva Távora, nos idos de 1891, sobre os chamados “milagres de Joazeiro”. O período de transição política entre a monarquia e a república, na então povoação do Juazeiro, foi marcada por grandes tensões sociais e reordenação dos espaços. Contudo, essa reordenação não era uma resultante ou desdobramento da macro política nacional, mas das experiências místicas de um grupo de mulheres,³

² A fala do pároco do Crato, usado como epígrafe, é de onde extraí o título deste artigo, pois, por caminhos tortuosos, a localidade tornou-se um dos santuários mais visitados no país.

³ Em 1889, na primeira sexta-feira da Quaresma, após uma noite de vigília na capela Nossa Senhora das Dores do Tabuleiro (atual Juazeiro do Norte), o padre Cícero Romão Batista realizou a Eucaristia com as suas beatas. Nesta ocasião, quando a beata Maria de Araújo comungou a hóstia consagrada transmutou-se em sangue. Esse episódio, tido como miraculoso, repetiu-se inúmeras vezes, inclusive diante de sacerdotes e médicos que foram designados pelo bispo de Fortaleza para averiguar os fatos. O segundo inquérito foi realizado com outros sacerdotes, que chegaram a confirmar os atos, mas depois renegaram o milagre. Esse foi o estopim dos chamados milagres do Juazeiro e do inquérito no Vaticano. A presença do padre Cícero no Juazeiro também esteve

seguidoras do Padre Cícero Romão Batista, que transformaria o então vilarejo em um espaço sagrado, na nova Jerusalém, no Santo Juazeiro, epíteto que mais de um século depois ecoa em benditos pela boca de milhares de romeiros.

Se a profética preconização do Padre Fernandes da Silva Távora expressava uma plausibilidade tingida por duas condicionantes ambíguas, a experiência posterior relevou que as duas possibilidades de futuro nas assertivas não eram excludentes. O Juazeiro tornou-se um dos mais emblemáticos santuários católicos do mundo,⁴ mas sem deixar de ser um espaço que causava preocupação para as autoridades políticas e religiosas. As narrativas atinentes às experiências místicas das mulheres que se apresentavam como beatas do Padre Cícero se multiplicaram e foram proliferadas pelo antigo norte do Brasil (SLATER, 1986; FORTI, 1999; NOBRE, 2010, 2014). Assim, paulatinamente, o Juazeiro transmutava-se na mais impactante cidade-santuário do país. Uma cidade com vocação para as romarias, ou, como bem expressou Zeny Rosendahl,

As hierópolis que atraem um fluxo permanente de peregrinos são aquelas para as quais fluem milhares de fiéis ao santuário durante todo o ano e não somente por ocasião das festas. As outras, cidadessantuários de fluxo periódico, são aquelas em que a prática religiosa implica na ida em certas ocasiões, geralmente uma ou duas vezes por ano, coincidindo com os dias de festividades ROSENDAHL, 2008, p. 73).

Pautado nesta premissa definida pela geógrafa Zeny Rosendahl, este artigo tem como escopo a constituição dos espaços sagrados em Juazeiro do Norte entre 1920 e

atrelada a outros episódios relevantes, como a Sedição do Juazeiro (1914), a devoção ao boi mansinho, a rebelião do beato José Lourenço e ao episódio do massacre do Caldeirão, em 1937.

⁴ Neste caso, a assertiva de padre Távora, que intitula este caso artigo, pode ser corroborada, de alguma forma. Considero o Juazeiro como um dos mais emblemáticos santuários do mundo pelo fato de ser a cidade sagrada originária de um milagre não reconhecido pelo Vaticano a receber o maior número de romeiros anualmente. As estimativas denotam que nas três grandes romarias a cidade recebe aproximadamente 700 mil romeiros, em Finados; 500 mil romeiros na romaria da Mãe das Dores e 300 mil romeiros na Romaria das Luzes ou de Nossa Senhora das Candeias. Ainda se destacam as romarias do Nascimento do Padre Cícero (24 de março), da morte do sacerdote (20 de julho), da Beata Maria de Araújo (14 de janeiro), de São Sebastião (janeiro), de São Francisco das Chagas (outubro), do Sagrado Coração de Jesus (novembro). Mensalmente, no dia 20, a cidade recebe em torno de 20 mil romeiros para a missa em memória do padre Cícero. Neste sentido, a relevância da cidade santuário independe do juízo de valor, mas pode ser mensurada em números e na amplitude da origem de romeiros de diferentes estados do país.

1936, ou seja, no período que engloba o último decênio de atuação do Padre Cícero Romão Batista e os primeiros anos o seu falecimento. Com isso, busco entender a sacralização dos espaços a partir da experiência das camadas populares, notadamente, os romeiros. Desse modo, os romeiros do Juazeiro emergem como protagonistas da história, ao matizarem suas vivências com as doutrinas religiosas. Assim, coaduno com o pensamento de Ângelina Pollak-Eltz, ao firmar “no modo de pensar das pessoas, não há ambivalência entre a esfera sagrada e a esfera secular. A amálgama de elementos pré-cristãos é frequentemente intencional”⁵ (POLLAK-ELTZ, 2004, p. 26).

Contudo, a proposta de apreender a experiência devocional dos de baixo não constitui tarefa simples. Implica no exercício de mobilizar diferentes fontes no intuito de localizar as vozes sufocadas de sujeitos historicamente marginalizados e, em grande medida, negligenciados no âmbito da historiografia (SANTOS, 2019a). Se no ofício da história, os vestígios são sempre indiretos, a partir do registro de outrem, aqui, busco captar as experiências dos romeiros a partir do registro de dois mediadores culturais⁶ que passaram pelo Juazeiro entre as décadas de 20 e 30 do século XX.

Refiro-me aos escritos memorialísticos de Lourenço Filho e Agostinho Odísio, que observaram e descreveram acerca das experiências dos romeiros no Santo Juazeiro. O primeiro, ao ocupar o cargo de diretor da Instrução Pública do Ceará, entre 1922 e 1923 (MONARCHA, 2015; COSTA, 2019), visitou a cidade do Padre Cícero e produziu uma série de artigos na qual descrevia o sertão como espaço do atraso. Trata-se de um texto produzido a partir da experiência sensorial do autor nos espaços de devoção, em uma observação tingida pelo estranhamento. O segundo, é um artista que viveu na terra santa entre 1934 e 1936, ou seja, no momento imediatamente posterior ao falecimento do Padre Cícero. Como Renato Casimiro definiu, o mesmo produziu “peça de valor inestimável na compreensão de olhos estrangeiros sobressaltados e curiosos por uma sociologia do lugar, a terra mística do Juazeiro do Padre Cícero” (CASIMIRO, 2006, p. 8). É um texto de memórias, que elucida a trajetória do artista nas plagas sertanejas, ou seja, é um texto em perspectiva autobiográfica, com ampla descrição sensível dos espaços. Em ambos os casos, os memorialistas utilizam da tradição oral para recuperar os episódios do passado próximo, anteriores a chegada ao Juazeiro. Contudo, no âmbito da descrição dos espaços, o registro perpassa pela experiência sensorial.

⁵ “En la manera de pensar del pueblo no existe una ambivalencia entre la esfera sacra y la esfera secular. La amalgamación de elementos precristianos es a menudo intencional”. Tradução livre do autor.

⁶ Neste artigo operacionalizo a concepção de mediador cultural a partir da perspectiva de Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) e de Jean-François Sirinelli (2003).

Apesar de serem textos memorialísticos, não se deve menosprezar a pretensão científicista de ambos os autores. O primeiro era um dos mais renomados pensadores da educação no país, que passaria a integrar o seletor grupo dos pioneiros da Educação. O segundo, formado nas academias de belas artes, escreve pensando no registro histórico e na elucidação da ideia pretensa de verdade e honestidade, que deveria nortear a escrita da história. Neste caso, a produção da narrativa escrita revela os interesses de projeção de uma leitura do outro, uma proposta de ação reformadora, uma cultura política (GOMES; HANSEN, 2016).

São dois sujeitos que registraram as práticas devocionais dos romeiros a partir da dimensão do outro, do estranhamento, usando da escrita como um exercício de construção da diferença entre o eu e o outro. Ao partir de fontes indiretas, produzidas no âmbito da alteridade, potencializa-se o desafio de busca das práticas devocionais míticas, de excluir as camadas de racionalidades dos escritos no intuito de esquadrihar as sensibilidades, de reencontrar o *ethos* místico devocional (SANTOS, 2019b).

No Santo Juazeiro, a história confunde-se com o mito e o mito faz a história. O mergulho no passado da cidade que é tida por grande parte dos romeiros como a terra santa revela narrativas nas quais os sonhos direcionam as experiências e as escolhas humanas muitas vezes são tingidas pelo toque do sagrado, como o sonho no qual Cristo, cercado de retirantes, teria aparecido para o Padre Cícero e pedido que o mesmo cuidasse daquela gente (NETO, 2009, p. 44-45). Entretanto, a fama de santidade do chão do Cariri difundiu-se a partir de 1887, com a propagação da notícia acerca da Santa Maria de Jesus do Joazeiro.⁷ No dia 24 de abril de 1887 o Diário de Pernambuco noticiou:

Uma santa no Ceará.

A Constituição, folha da cidade da Fortaleza, publicou em 17 deste mez a seguinte notícia:

De uma carta do Crato extrahimos a seguinte notícia:

Todo o povo do Crato acha-se alarmado com a notícia de uma virgem piedosa residente no Joazeiro e confessada do padre Cícero. Diz o rumor público que ella é santa em carne viva, e que tem como Anna Catharina de Emmarich, visíveis em seu corpo, todos os estygmas da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

⁷ Em decorrência dos episódios atrelados ao milagre da hóstia, protagonizados por Maria de Araújo, a experiência anterior dos estigmas de Maria Joanna de Jesus acabou sendo secundarizada. De acordo com Edianne Nobre, ao todo foram oito beatas do Padre Cícero que assumiram terem experiências místicas (NOBRE, 2010, p. 12).

Alma santa, sofre tão duro martyrio que admira como ella ainda vive, sendo ella um manancial de sangue e dores impossíveis de suportar sem uma graça especial de Deus.

Os propagadores do facto extraordinário invocam o testemunho do padre Monteiro que, lhe dando a communhão vio Jesus sacramentado tornar-se visível a sua serva. Se é verdade, eu felicito ao sr. D. Joaquim, por ser o único bispo do Brazil que tem uma santa em sua diocese.

Dizem chamar-se Maria de Jesus a benaventurada, e que tem apenas 28 annos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/04/1887, p. 3).

Assim, desde 1887 o Juazeiro já era noticiado como terra sagrada, que abrigava “uma santa de carne viva”. Notícias como essa se tornaram recorrentes após o chamado milagre da hóstia.⁸ Na primeira sexta-feira da Quaresma de 1889, após uma longa noite de vigília, o padre Cícero distribuiu a Eucaristia e, ao comungar, teria ocorrido o milagre, com a hóstia transmutando-se em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Era o marco inicial de um longo processo de tensões entre os sujeitos envolvidos no episódio e a cúpula eclesiástica (CAVA, 2014; BRAGA, 2007; NETO, 2009; RAMOS, 2014), bem como, o aumento progressivo deromeiros à hierópolis, por meio de romarias como a do Preciosíssimo Sangue de Jesus (NOBRE, 2010).

As experiências vivenciadas no contexto posterior ao milagre da história tornaram-se um objeto privilegiado de estudos nos campos da sociologia, antropologia, política e história.⁹ O mesmo se dá em relação a famigerada sedição do Juazeiro de 1914 (RAMOS, 2002). Contudo, a constituição da malha sagrada urbana e as experiências romeiras ao longo das décadas de 20 e 30 do século XX, ainda podem ser vistas como um campo lacunar no âmbito da historiografia. Neste sentido, a partir dos registros de dois

⁸ Em decorrência do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo nunca terem renegado o milagre da hóstia, a beata foi condenada pelo bispado e pelo Vaticano a viver reclusa em casas de caridade. Já o sacerdote, passou o resto da vida sem a permissão de ministrar os sacramentos, com fortes ameaças de ser excomungado pela Santa Sé. De certa forma, essas condenações acatadas pelos dois passaram a ser usadas no processo de reabilitação, sob a alegação da obediência.

⁹ Entre as inúmeras pesquisas acerca da figura histórica do Padre Cícero Batista e das beatas do Juazeiro, destaco: Ralph Della Cava (2014), Francisco Régis Lopes Ramos (1999, 2006, 2014), Edianne Nobre (2010, 2013, 2014), Antônio Braga (2007), Napoleão Diniz (2018), Daniel Walker (1999), Candace Slater, Maria do Carmo Forti (1999), Ana Tereza Guimarães e Annette Doumoulin (2009), Maria das Graças Ribeiro (2014), Manoel Henrique de Melo Santana (2009) e a monumental biografia escrita por Lira Neto (2009).

mediadores culturais (SIRINELLI, 2003) que atuaram no Ceará por um breve momento, busco entender como as experiências dos romeiros implicou na modelação do espaço sagrado no Santo Juazeiro.

O artigo encontra-se estruturado em dois momentos. No primeiro, pauto a discussão a partir dos escritos de Lourenço Filho, mediador cultural atrelado à pauta educacional e que, nos idos de 1922, tentou construir uma leitura na qual o Juazeiro seria a expressão do atraso e da superstição. No segundo momento, pautado nos escritos memorialísticos de Agostinho Odísio, problematizo a permanência do afluxo de romeiros ao Santo Juazeiro nos primeiros anos após o falecimento do patriarca do sertão.

1. “A Meca dos sertões cearenses”: os romeiros do Patriarca de Juazeiro

Em 1922 o padre Cícero Romão Batista já era um sacerdote amplamente conhecido no Brasil, principalmente, a partir das notícias atinentes de seu envolvimento na política cearense e das sanções que lhes foram impostas em decorrência da questão religiosa do Juazeiro. Ele era a principal autoridade do Juazeiro do Norte, tido como conselheiro dos sertanejos. Foi neste contexto que Manoel Bergström Lourenço Filho, jovem intelectual paulista e recentemente empossado como diretor da instrução pública do estado do Ceará viajou para a região do Cariri, conhecendo o líder político e o seu séquito de romeiros.

O impacto dessa viagem tornou-se o cerne para a publicação de uma série de dez textos,¹⁰ intitulada “Juazeiro do Padre Cícero”, no jornal paulista “O Estado de São Paulo”, entre 1925 e 1926. Tratava-se de um projeto editorial do impresso paulista que buscava construir uma imagem de modernidade a partir de contrapontos espaciais, tidas como recônditos do passado e do atraso.¹¹ De acordo com Carlos Monarcha, esse projeto reuniu escritos sobre diferentes experiências espaciais, como Nordeste, São Paulo e Juazeiro, pois, foram publicados,

¹⁰ Os artigos foram publicados na seguinte ordem: “Intitulados de modo sugestivo, os artigos são os seguintes: I – Em caminho (17 de novembro de 1925); II – A Meca dos sertões (18 de novembro de 1925); III – Transpondo as trincheiras... (19 de novembro de 1925); IV – No reino da insânia (25 de novembro de 1925); V – Ecce homo! (27 de novembro de 1925); VI – Retomando o fio (21 de abril de 1926); VII – Os milagres (23 de abril de 1926); VIII – O “boi santo” (2 de maio de 1926); IX – A sedição de 1913: causas (10 de julho de 1926); X – A sedição: início da luta (13 de agosto de 1926). Publicados em novembro de 1925, os cinco artigos iniciais constituíram a primeira fase da série; após interrupção de meses, os artigos restantes foram publicados entre abril e agosto de 1926, constituindo a segunda fase da série” (MONARCHA, 2002, p. 13).

n^o Estado de S. Paulo das séries de artigos “Impressões do Nordeste” (1923), de Paulo Moraes Barros, “Impressões de São Paulo” (1923-1925), de Oliveira Viana, Dionísio Cerqueira e João Lima Verde, e “Juazeiro do Padre Cícero” (1925-1926), de Lourenço Filho (MONARCHA, 2002, p. 12)

Ainda em 1926, os artigos foram reunidos e publicados no livro “Joazeiro do Padre Cícero: cenas e quadras do fanatismo no Nordeste”. Era o registro acerca da experiência vivenciada no sertão, espaço atrelado ao passado, no qual,

Não há necessidade de chegar ao verdadeiro recesso das terras para descobrir no Nordeste o recôndito de velhos costumes. Se penetrar o sertão é mergulhar no passado, pois que nos modos simples da gente provinciana, como na graça rude e primitiva da natureza sem enfeites, transparece sempre alguma coisa do tempo que foi, naquela singular região do País, não tem o viandante que procurar a alma da tradição no seio de aldeias menos acessíveis, ou contida a medo em pequeninos núcleos em que os costumes se hajam cristalizado.

Todo o Nordeste é uma crônica vivente, de fácil e ininterrupta decifração (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 25).

O Nordeste e, notadamente, o sertão, foram apresentados por Lourenço Filho como o espaço do passado, dos velhos costumes. Se a capital cearense foi descrita como “uma cidade moderna”, o interior do estado foi tecido narrativamente como o seu contraponto, a oposição que aprisionara o tempo, constructo que teria perpetuado o passado. O epicentro desse passado aprisionado era o Juazeiro do Padre Cícero, tido como “a famosa Meca sertaneja – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme...” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 29). A hierópolis sertaneja seria “um estranho aglomerado humano: o Juazeiro, do padre Cícero. Como que todo o atraso dos sertões aí se condensou, para condicionar maior retrocesso e estabelecer condições

¹¹ No celebrado romance “O torturador em romaria”, de Heloneida Studart, essa perspectiva é replicada, na qual os caminhos do juazeiro sinalizavam para uma dimensão do Nordeste, na qual “o Nordeste não é diferente, é apenas anacrônico” (STUDART, 1986, p. 176)

propícias de desajustamentos, em que repontam mentalidades atrasadas por séculos” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 29).

Na cartografia temporalizada¹² do Santo Juazeiro, Lourenço Filho preocupou-se em expressar as marcas que perpassavam pelos caminhos que levavam à terra do Padre Cícero, tingida por cruzes, ex-votos, sinais de devoção deixadas por numerosas levas de romeiros que se deslocavam para a cidade-santuário.

– E estas cruzes, tão repetidas?

– Não se assuste. É a indicação do caminho. Vamos segui-las, e não há por onde errar...

Numa zona de muitas léguas em torno do Juazeiro do Padre Cícero, os “romeiros” têm marcado assim, de fato, as árvores, os troncos de raras porteiras, as casas da beira da estrada, as próprias lajes que aqui e ali afloram da areia como lápides descomunais, as palmatórias dos cactus sempre verdes, os paus mais fortes das cercas trançadas... Há cruzes de todos os feitios, de todos os tamanhos, nas mais diversas posições. Algumas, na casca tenra da cajazeira, rapidamente marcadas por quem passou, apressado, em demanda da suspirada Meca dos sertões, sob o peso do crime ou na esperança de um ex-voto que o redima; outras, golpeadas a facão, fundas e duradouras, no tronco arroxeadado da imburana, ou mal impressas no dorso revoltado da oiticica copada. Quase sempre, coincidem estas com os pousos dos romeiros, deixando ver, acima delas, os restos da corda de tucum, ou a trança de cipó, que ali sustentaram as redes de descanso, em longa caminhada dos “afilhados” sem conta do milagroso “Padrinho”... Trabalhadas com filigranas pacientes, algumas, de longe a longe, atestam a estética primitiva de algum rude artista desconhecido. Outras, e mais raras ainda, porque o analfabetismo dos romeiros é a regra, superpõem ou enlaçam duas iniciais que valem como sinal sagrado por estas brenhas: P. C. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 33).

¹² Sobre a temporalização do espaço pode ser consultado o artigo de Fernando Nicolazzi (2009).

No caminho do romeiro ficavam as evidências da passagem dos segmentos das camadas populares. É interessante perceber como o intelectual da educação não associa o Juazeiro aos santuários católicos do mundo cristão, como Fátima, Lourdes, Roma ou Jerusalém. De forma provocativa, a cidade santuário foi apresentada como a Meca sertaneja. Certamente, não seria em alusão às práticas devocionais, mas uma associação à superstição, a presença do outro no âmbito interno do território nacional. A Meca seria um título pejorativo, uma leitura depreciativa da hierópolis. Os devotos, marcados pela pobreza, foram apresentados como ignorantes: “Romeiros abastados, ou menos ignorantes, contam-se nos dedos; e, quando aparecem, são manifestamente doentes do espírito, ou criminosos em demanda de homizio seguro” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 34).

Nos caminhos do Santo Juazeiro, encontravam romeiros em diferentes situações: velhos, crianças, adultos, saudáveis, enfermos e até falecidos, que tinham expresso o último desejo de ser sepultado na terra santa. Lourenço Filho ironizou o encontro de vivos e mortos nas redes: “Os que vão doentes se transportam em rede, suspensa por um varapau. E como essa condução é própria, em todo o Nordeste, também aos defuntos, costuma-se perguntar à passagem: ‘Vai vivo ou morto?’” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 34). Percebe-se como a assertiva de Angelina Pollak-Eltz de que “a religiosidade popular é um fenômeno não-institucionalizado com funções úteis” (POLLAK-ELTZ, 2004, p. 26),¹³ corrobora com essa descrição na qual as práticas cotidianas são ressignificadas a partir de uma dimensão religiosa. Com isso, uma pedra ou uma rede, que no tempo e espaço ordinários expressavam um recurso prático de trabalho ou lazer, na esfera religiosa, esse mesmo objeto passava a acoplar uma conotação sagrada (ELIADE, 2001). Além disso, Lourenço Filho preocupou-se em justificar a maior presença de romeiros de outros estados como uma resultante de maior consciência dos católicos cearenses a partir da atuação sacerdotal:

É curioso notar que os cearenses são em menor número, confirmando assim que “santo de casa não faz milagre”. Deve-se isso a mais direto conhecimento do padre e de sua história, à campanha da imprensa e dos sacerdotes católicos esclarecidos. O grande santo dos cearenses é São Francisco do Canindé, em cuja igreja se realizam imponentes festas a 4 de outubro (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 34).

¹³ “La religiosidad popular es un fenómeno no-institucionalizado con funciones útiles”. Tradução livre do autor.

No intuito de secundarizar a força devocional do Padre Cícero Batista entre os cearenses, Lourenço Filho recorreu para a análise comparativa com o Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé. Em Canindé estaria o verdadeiro santuário sertanejo, dirigido por frades capuchinhos. O espaço alvo da reforma devocional católica (SANTOS, 2015) era a hierópolis controlada. O espaço devocional das massas era o símbolo do malogro. Por sua vez, o Juazeiro seria uma terra fértil, mas povoada de parasitas: “à entrada de uma zona assim, magnífica de vitalidade, num desvão da Serra do Catolé, que surgiu e tem medrado, parasitariamente, o mais singular povoado do Brasil: o Juazeiro do Padre Cícero” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 36). Além de ser terra parasita, no entender de Lourenço Filho, a cidade santa também proliferaria enfermidades:

A dar crédito às informações, notadamente freqüentam o Juazeiro sertanejos alagoanos, filhos da Paraíba e de Pernambuco; são muitos, também, os dos sertões baianos, os do Piauí, Goiás e Mato Grosso e, menos freqüentes, os rio-grandenses do Norte e mineiros da zona norte desse estado central. Quase todos, viajando a pé, acabam por apresentar idêntico aspecto de fadiga e miséria. Muitos vão doentes, atacados de vários males, ou se contaminam em viagem. Vimo-los em promiscuidade com leprosos e boubáticos. E esse vaivém contínuo, pelo interior dos sertões, explica por que certos pontos do sul do território cearense apresentam uma verdadeira síntese da nosologia de todo o País (...).

São, assim, os pobres romeiros, em nome de Deus, inconscientes semeadores da dor e da morte... (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 35)

A escritura de Lourenço Filho é tingida pela intencionalidade de forjar um espaço de atraso e superstição. Os romeiros e moradores do Juazeiro foram apresentados genericamente como fanáticos, ou seja, o livro busca associar a imagem do espaço nordestino ao mundo da credence, das superstições, como um vício a ser extirpado do país. Esse recurso também foi utilizado para construir as imagens acerca das moradias do Juazeiro. Em um tempo no qual o sacerdote não tinha permissão de celebrar missas nos templos, cada casa havia se transmutado em uma extensão do sagrado. Uma sacralidade que se fazia visível na fachada:

quase que só as distingue a numeração: um cartapácio com grosseiros algarismos, no geral seguidos das iniciais “P. C.” e de cruces, signos-de-salomão ou de outros símbolos de uma cabalística rudimentar. Não raro um “Viva o meu Padim Ciço (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 40)

Altars domésticos, com o quadro do Sagrado Coração de Jesus e um medalhão do Padre Cícero, além de outros santos populares no Brasil, era um elemento obrigatório nas casas do Santo Juazeiro. No entender de Lourenço Filho, imbuído do olhar renovador, de rupturas pela imposição da modernidade, esses símbolos expressavam uma sobrevivência dos tempos idos. O Juazeiro seria o *locus* do arcaico. Por esse motivo, o Santo Juazeiro era visto como uma ameaça à modernidade.

Numa esquina, um grupo mais animado rodela o “Beato” de prestígio que celebra, ou um “penitente” que profliga os costumes... Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede, cada dia, uma multidão de romeiros. É esse o Juazeiro temível, o Juazeiro tradicional, a Meca do fanatismo sertanejo que primeiro depara o viajante, se ele não avisou em tempo o padre Cícero e os de seu grupo, ciosos em ocultá-lo, mas solícitos em mantê-lo (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 41).

Uma cidade temida. Um espaço construído como alteridade do país. A Meca dos sertões seria tingida de fanatismo. O olhar de Lourenço Filho apresentava-se impregnado de um cientificismo racial, na qual os mestiços apareciam como sujeitos desqualificados, uma degeneração do povo brasileiro. É uma orientação similar à leitura de Euclides da Cunha acerca dos seguidores de Antônio Conselheiro em Canudos. É também uma leitura que norteou o processo de averiguação dos milagres da Hóstia, que via como imprópria a manifestação do sagrado em uma mulher negra, sertaneja e analfabeta. Ao chegar na casa do Padre Cícero, um dos principais espaços sacralizados pelos romeiros no Santo Juazeiro, Lourenço Filho deparou-se com a forte presença dos devotos:

Pusemo-nos de pé sobre o carro, para melhor observar aquela multidão agitada. Não logramos perceber, no primeiro instante, senão a malta daqueles mesmos romeiros

da estrada, sujos e abatidos, com os seus “cassacos”, os seus largos chapéus de couro ou de palha de carnaúba, os seus bordões e os seus bentinhos, o rifle inseparável e as “pracatas” amarradas à cintura ou pendentes do cano da arma. À primeira vista, aquela massa apresentava unidade; expressões dos mais díspares caldeamentos de raça ali se confundiam, no entanto, e apenas um ou outro semblante mais puro ressaltava (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 44)

A casa do Padre Cícero era o ponto culminante da longa caminhada dos romeiros. Defronte ao casarão, o séquito de devotos aguardava a chegada do sacerdote, para benzer os bentinhos, medalhas, fitas e demais objetos, que seriam transmutadas em relíquias. Vestidos em mortalhas, com chapéus sobre a cabeça, os romeiros foram tracejados imageticamente, forjando uma identidade visual, como alegorias fantasmagóricas do passado a ser combatido. Lourenço Filho também descreveu a chegada de um promesseiro:

De uma esquina próxima, surgira esquisita personagem de barba nazarena, sob comprida opa preta, enfeitada de cadarços, rendas e galões de defunto. Trazia às costas pesada cruz de madeira, quase escondida na parte superior por gravuras de santos, bentinhos, rosários, conchas, imagens, escapulários, fitas, flores de papel, medalhas e outras bugigangas. Cobria-lhe a cabeça um solidéu também preto, com uma espantosa cruz, desenhada a galão rebrilhante, o que lhe aumentava estranhamente a estatura e lhe imprimia ao todo um ar hierático... Caminhava inteiriçado, com aspecto de sonâmbulo. A cor terrosa da tez e o vazio do olhar davam-lhe um quê de sobrenatural... (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 47).

A descrição construída por Lourenço Filho acaba por tecer a presença do romeiro como um sujeito desprovido de humanidade, quase a-histórico. As vestimentas denotavam uma presença quase-ausente, como uma aura do ontem, uma penumbra que avança entre a multidão. Ao classificar como “esquisita personagem”, o pensador da educação apresenta o constructo do outro como uma alegoria que não se coadunava com a expectativas do presente. O sujeito histórico emerge quase como uma sombra de

humanidade. Uma sombra que não faz escolhas, não faz história, não seria capaz de atribuir sentido as suas práticas. Por esse motivo, caminhava com aspecto de sonâmbulo. Não haveria ali, consciência, apenas um profundo sono.

A desqualificação do sujeito oriundo das camadas populares perpassou pela questão racial, com a ênfase na “cor terrosa” e o vazio do olhar. A cor que transmutaria o sujeito para a condição de sobrenatural. Certamente, tratava-se de um exercício de escrita que reiterava o não lugar para os de baixo. O Santo Juazeiro não poderia ser explicado pela razão, porque a localidade seria regida pela narrativa mística do milagre:

A autoridade é que impõe a fé, mas o que torna a autoridade patente – diz Santo Agostinho – é o milagre. O prestígio do padre Cícero Romão tinha que provir, pois, do milagre; e o milagre se fez.

Foram fatos, à primeira vista inexplicáveis, operados na pessoa da beata Maria de Araújo, em junho de 1890, e repetidos depois, algumas vezes, que complicaram o caso primitivo de simples misticismo do Juazeiro. Eles dariam origem a acontecimentos que iriam transmutar o humilde arraial na famosa Meca dos sertões, ampliando a figura piedosa do obscuro presbítero de então na sombra monstruosa do “Padrinho” de hoje... (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 61).

O pensador paulista reconhecia que o prestígio do Padre Cícero era oriundo do episódio do milagre da Hóstia, protagonizado pela beata Maria de Araújo, descrita como cacodemoníaca “no fanatismo militante em que sempre viveu” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 71). No seu entender, tudo seria resultante do fundo supersticioso do caboclo. Com isso, o milagre seria resultante “o sangue proviesse das gengivas maltratadas da beata, da língua ou de uma ferida na garganta, que sangrasses sob a intensa comoção do ato” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 71).

A experiência mítica de Maria de Araújo havia tornado a Igreja Nossa Senhora das Dores em um espaço privilegiado no itinerário de visitas dos romeiros. O altar da matriz era o espaço no qual o sangue de Cristo havia escorrido. Com a morte da beata, nos idos de 1914, a capela do Socorro passou a ser o espaço de orações e milagres, pois: “Morta Maria de Araújo, a taumaturgia tomou novos aspectos. Ela própria passou a atender aos pedidos de beatos e penitentes, estabelecendo uma concorrência muito sugestiva aos fiéis. Seu culto generalizou-se” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 73).

Contudo, no decênio seguinte, essa cartografia do milagre no Santo Juazeiro seria reconfigurada.

2. “Joaseiro, cidade fenômeno” e os seus romeiros

20 de julho de 1934. Neste dia, o Santo Juazeiro perdia o seu patriarca e os romeiros espalhados por diferentes estados do país perdia o seu padrinho. Para muitos era o prenúncio de uma tragédia, a derradeira viagem do santo, que só retornaria para o juízo final. Para outros, expressamente os sacerdotes, era o fim de uma era, pois sem o sacerdote as romarias poderiam desaparecer. De acordo com Lourival Marques, caixeiro viajante que se encontrava no Juazeiro:

Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua. Fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas. Quando cheguei à janela tive a impressão de que alguma coisa monstruosa sucedia na cidade. Que espetáculo horroroso, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas afora, chorando, gritando, arrepelando-se... Foi então que se soube... O Padre Cícero falecera... Eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos, como toda aquela gente, em direção à casa desse homem, que não teve igual em bondade e nem teve igual em ser caluniado (MARQUES, 1934, p. 1).

Estima-se que mais de sessenta mil pessoas participaram do velório e sepultamento do Padre Cícero. Naquele dia insólito, o espaço do Santo Juazeiro seria reconfigurado e a memória do religioso passaria a nortear a sacralização dos novos espaços devocionais. Como analisou Renato Casimiro, “vivia-se a incerteza do dia seguinte, do mês seguinte, do ano seguinte” (CASIMIRO, 2006, p. 9). Mas dia a dia, os romeiros continuavam a chegar na hierópolis.

Em outubro de 1934, apenas três meses após o falecimento do Padre Cícero, o artista italiano Agostinho Balmes Odísio chegava ao Juazeiro, no intuito de atender ao um potencial mercado consumidor de arte sacra. O artista encontrou um contexto de efervescência de angústias e incertezas. O próprio Odísio descreveu: “Joaseiro, cidade fenômeno, típica, original, sobre a qual muita coisa foi dito e escripto, com emphasis, enaltecendo-a como grandioso milagre do Padre Cícero” (ODÍSIO, 2006, p. 9).

Agostinho Odísio era um artista com formação acadêmica,¹⁴ e ao viajar para o Santo Juazeiro, iniciou a escrita de um diário, no qual registrou as suas experiências na cidade e as práticas devocionais dos romeiros.

Ainda nas páginas iniciais de seu diário, Odísio apresentou a sua impressão inicial acerca do Santo Juazeiro, pautado, principalmente, nas narrativas disseminadas por moradores e romeiros. A cidade-santuário emergia como uma antecâmara do céu, paraíso terrestre:

Outros consagraram Joaseiro como cidade santa, Meca cristã, vista por milagre de Deus, aonde se encontra o Levítico espiritual e o viático para a vida futura, cujo fundador, enviado por Christo, ente sobre natural, messia e patriarca milagroso e imortal, depois de ter feito em vida a anticâmara do céu em Joaseiro, ainda vigia e determina depois de morto tudo quanto é vida no lugar (ODÍSIO, 2006, p. 10).

Agostinho Balmes Odísio coteja as narrativas que sacralizavam o Padre Cícero e as que o apontavam como lunático que construiu um reduto de fanáticos, comparando o Juazeiro a Canudos. Para Odísio, essa associação era um equívoco. Apesar de não corroborar com a ideia de santidade do Padre Cícero, ele buscou construir uma leitura na qual tecia uma face um tanto pouco usual nas assertivas biográfica do patriarca, ou seja, como um sujeito humano e histórico. Para o artista italiano, “Joaseiro é o feito de um homem bem-intencionado, caridoso, e profundamente bom, e se alguns erros existem no seu passado, foi só por ter um coração grande demais, não admitindo que existissem homens maus e enganadores” (ODÍSIO, 2006, p. 13).

No seu entender, as ações de caridade do religioso resultaram em “estima, logo aumentada por os sertanejos, que em tudo vê o sobrenatural” (ODÍSIO, 2006, p. 13). Neste sentido, é possível perceber que a escrita do artista ameniza a avaliação do sacerdote, se comparado com a análise prévia produzida por Lourenço Filho, mas reafirma o misticismo como um traço definidor do sertanejo.

¹⁴ De acordo com Amanda Teixeira da Silva, “Odísio nasceu em Turim, na Itália. Estudou Belas Artes em Turim e Roma. Em 1912, conquistou uma bolsa de estudos e partiu para a Escola de Belas Artes e Arquitetura de Paris, onde foi aluno de Auguste Rodin. Esculpiu bustos e nichos. Trabalhou em obras sacras. Era também amante de outras artes: escrevia poemas e peças de teatro. Em 1913, resolveu partir rumo ao sul: decidiu que encontraria seu irmão na promissora cidade de

De certa forma, o sertanejo emerge na escrita de Odísio como um sujeito capaz de construir uma deturpação da realidade e dos espaços. De igual modo, essa maleabilidade do caráter dos romeiros contribuiu para uma ambígua formação do núcleo urbano do Juazeiro.

Logo se formou grupos de adeptos em roda da pessoa do Padre Cícero, a voz ecoou e de todo o sertão nordestino correu gente, formando em poucas dezenas de anos, o primeiro grande núcleo da povoação. Era natural que junto a estas romarias de humildes bem intencionados, se juntasse a jagunçada, bandoleiros perseguidos e criminosos de todos os quilates e também era natural que estes povos do sertões incultos e profundamente crentes, carregassem o sangue das três raças, o fanatismo produto mestiço das três crenças, ainda mais porque o Joazeiro representava para eles não a terra de promessa, mas o lugar de sacrifício, de tudo desconforto, de amarguras, mas de certa preparação para a escalada ao céu, guiadas pela santidade do Padre Cícero (ODÍSIO, 2006, p. 14).

Na assertiva de Agostinho Odísio, a fama de Cícero Romão Batista coadunou-se com a terra na qual teria escolhido. O sacerdote firmara como homem topográfico, símbolo do chão que defendera. O Juazeiro passava a ser o centro de recepção de homens devotados, mas também de jagunços e criminosos. O que unia os dois grupos era o fato deles serem resultantes do cruzamento das três raças. Eram homens mestiços que transformavam o antigo vilarejo em um importante núcleo populacional.

Com isso, o espaço do Santo Juazeiro foi interpretado por Agostinho Odísio de forma ambígua, polissêmica e escorregadia. A cidade era o espaço das devoções, mas também de outras festas e expressões não tão penitenciais. Isso corrobora com a acepção defendida por Pollak-Eltz, de que “as festas religiosas eram ocasião de peregrinação e de pagamento de promessas aos santos em recompensa a milagres, mas ao mesmo tempo

Buenos Aires. Aos 32 anos, órfão de pai há muito tempo, deixava em terras italianas apenas um elo: sua mãe, Maria Balmes Odísio” (SILVA, 2015, p. 2015).

também eram dias de festas e divertimentos mundanos”¹⁵ (POLLAK-ELTZ, 2004, p. 26-27). Neste cenário, a atuação do Padre Cícero foi explicitada como uma ação civilizatória, na qual “evangelizava procurando o mais possível atenuar os choques de fanatismo que o seu povo tinha, ainda tem e terá por muito tempo ainda, porque está enraizado ainda na alma do sertanejo por herança secular” (ODÍSIO, 2006, p. 14-15).

Ao contrário da escrita de Lourenço Filho, Agostinho Balmes Odísio constrói uma leitura na qual a figura do Padre Cícero é entendida como um agente civilizatório dos sertões. A narrativa memorialística de Odísio aponta para a necessidade de recuperação do Padre Cícero no âmbito da historiografia. Para isso, ele reconhece que essa recuperação só se tornaria possível a partir da atuação de um “historiador honesto”:

Quando, por um historiador onesto, será escripta a vida do Padre Cícero, a sua figura que se projecta e ainda conserva sobre os sertões do nordeste a lenda de santo milagreiro, será reduzida ao de um bom velhinho, bondoso e simples, com a única culpa de ter aceitado do povo que o rodeio durante os sessenta annos de vida do Joazeiro a aureola de taumaturgo com a qual circuscientemente a sua multidão ingênua o brindava, aureola e pedestal de glória que muitos e graves dissabores lhe custaram até a sua morte (ODÍSIO, 2006, p. 15).

A história é apresentada por Agostinho Odísio como uma prerrogativa capaz de promover a justiça. Além disso, ao explicitar que esse ato de justiça só seria possível a partir da iniciativa de um historiador honesto, ele tensionava os trâmites que avalizavam a conduta do sacerdote. Neste caso, a difamação do religioso seria resultante da ausência de honestidade, de uma postura de encobrir a experiência mística vivenciada no Juazeiro. Para isso, ele recorre a ideia do fato como elemento incontornável: “explicar o fenômeno que fez surgir romeiro e dissecar a figura psicológica do seu fundador, é tarefa por um historiador psico analítico – o facto é que Joazeiro existe, e o nome do seu criador gravado na istória” (ODÍSIO, 2006, p. 46).

Uma questão amplamente debatida no texto memorialístico foi atinente aos espaços sagrados do Santo Juazeiro e às práticas devocionais dos romeiros em tais espaços. Uma característica das hierópolis é a reestruturação das funcionalidades dos

¹⁵ “Las fiestas religiosas eran ocasió de peregrinaciones y del pago de promesas a los santos em recompensa a milagros, pero eran al mismo también a menudo días de parrandas y diversiones mundanas”. Tradução livre do autor.

espaços, como assevera Raimundo Venâncio Filho, “o papel do romeiro e a sua permanência temporária na cidade promovem uma reorganização dos seus espaços nos períodos de peregrinação ou romaria” (VENÂNCIO FILHO, 2016, p. 115). No caso do Juazeiro, no período imediatamente posterior à morte do Padre Cícero, a permanência dos romeiros acabou por perdurar por todo o ano, com fluxo contínuo. Agostinho Odísio então tratou do itinerário dos romeiros na cidade sagrada:

Não há romeiro que não visite pelo menos uma vez por semana o túmulo do P. Cícero, como há peregrinação contínua dos romeiros domiciliados na cidade e dos de todo sertão que chegam aos magotes, percorrendo até cem léguas para cumprir a promessa e depositar dinheiro na caixa perto do túmulo. As romarias de fora são a maior recusa da cidade; existem de dez a doze casas de santos, aonde o romeiro encontra tudo o que é artigo religioso (ODÍSIO, 2006, p. 18).

Com a morte do Padre Cícero, o espaço sagrado do Juazeiro foi reordenado. Se no decênio anterior, a igreja Matriz Nossa Senhora das Dores já aparecia como elemento secundário, diante da forte presença de romeiros na casa do sacerdote, após julho de 1934, a capela do Socorro passa a ser o espaço privilegiado das práticas devocionais, o epicentro da devoção romeira. Isso não significa que outros espaços tenham perdido a sua dimensão de sacralidade. Pelo contrário, a Matriz da Mãe das Dores, palco dos episódios do milagre da Hóstia e a casa do Padre Cícero, abrigo das relíquias do padre taumaturgo, continuavam recebendo a visita dos romeiros.

A Capela do Socorro emergia como espaço do pagamento das promessas, onde os romeiros “chegam felizes e logo vão comprar uma ou duas dúzias de foguetes para soltar em frente da capela onde está enterrado o padre, de modo que o estampido de foguetes é dia inteiro, avisando a chegada de romeiros” (ODÍSIO, 2006, p. 27). Essa centralidade da capela do Socorro também é explicitada pela forte presença de pobres medicantes: “nos grupos ambulantes de mendigos, ajuntam-se os de lugar fixo; na frente da Capela do Perpetuo Socorro, aonde está enterrado o Padre Cícero há multidão fixa de pobres” (ODÍSIO, 2016, p. 120).

Se os pobres mendigos eram vistos pelo artista como um problema a ser enfrentado, o Santo Juazeiro também tinha elementos originais, principalmente, a figura da beata. As mulheres, antigas seguidoras do Padre Cícero foi alvo da atenção do memorialista, que tentou construir uma definição:

As beatas são prenda típica e original da cidade; velhas solteironas, que constituíam a guarda de honra do padre Cícero, vestindo de preto como freiras, mas cada uma a seu modo, cabeça rapadas, carregando um verdadeiro armazém de cruces, medalhas, bentinhos, moram no chamado quarteirão ou quadra das beatas, em casinhas dadas pelo padre Cícero (...). Naturalmente, as beatas tornaram-se o expoente máximo da vida santificada da cidade, sendo mostradas a dedo pelo povo; a chefe é a beata Mocinha (ODÍSIO, 2006, p. 101-102).

Com a morte do Padre Cícero, o Santo Juazeiro passou a ser personificado pela presença das beatas, tidas como as zeladoras da memória do sacerdote santificado pelo povo e símbolos da moral cristã. Ao contrário das considerações tecidas a respeito dos romeiros, as beatas não foram apresentadas no âmbito das superstições ou fanatismo, mas como defensoras das virtudes, mulheres que trabalhavam e rezavam, associadas às religiosas ordenadas.

O mesmo não se dava em relação aos romeiros. Os devotos oriundos de diferentes plagas eram associados à insalubridade, pobreza e rudeza dos costumes. Um sinal dessas considerações pode ser observado na descrição realizada acerca da casa do Padre Cícero, tida como “continuamente cheia de gente”. Em decorrência do elevado contingente de romeiros, “a sala e o quarto dele tinha que ser lavada duas vezes por dia e nos mezes de grande calor o bafo de tanta gente aglomerada, coitados que fediam suor de quinze dias; era simplesmente insuportável” (ODÍSIO, 2006, p. 34). Na assertiva de Agostinho Odísio o romeiro é a expressão do outro, da pobre sertanejo desprovido das mínimas condições de higiene. A experiência do espaço sagrado é explicitada a partir dos odores. É uma tentativa de levar o leitor para o ambiente descrito, a partir de uma sensibilidade construída sensorialmente. Ao apresentar as cenas como um quadro, os romeiros emergem como elementos imbricado à paisagem urbana da hierópolis sertaneja:

Os romeiros de fora chegam de toda forma, de trem, de caminhão, a cavalo e os demais a pé, varando os sertões, carregando a rede e a bóia; é quadro bem triste ver chegar os coitados cambalhando; homens, mulheres, velhos e crianças, vestidos de trapos, sacco as costas, largo

chapeusão de palha e com os pés sangrando dentro das alpacartas (ODÍSIO, 2006, p. 20).

O quadro descrito por Agostinho Odísio contribui para tingir uma paisagem a partir do uso do verbo. A pobreza dos romeiros foi testemunhada pela descrição da chegada ao Santo Juazeiro, por meio de cenas que elucidavam a visibilidade das vestimentas e do sangue nos pés dos romeiros. Uma descrição que buscava resplandecer o sentimento de compaixão. Contudo, em uma cidade na qual 90% da população era constituída por romeiros, as celebrações expressavam uma contiguidade entre a hierópolis e as antigas plagas:

a todos estas manifestações de vida santificada dos que vem de fora, tem mais os locais os beatos da terra; todas noites há procissões, lapinhas, entronização de santos novos nas casas; renovação do anno na data de entrada do santo no Lar, rezas coletivas, uma noite num lugar, outra no outro; rosários todos os dias (...). Todas as casas sem exsesão não dispensam os santos (ODÍSIO, 2006, p. 21).

Essa construção espacial dos altares domésticos expressam a força das recomendações do Padre Cícero para que em todas as casas do Santo Juazeiro tivesse um altar com a imagem entronizada do Sagrado Coração de Jesus. Além disso, referenda a constituição de um amplo calendário festivo, no qual as casas passaram a exercer a função de uma “Igreja doméstica”. No Juazeiro Santo, o sagrado diluía-se pelos diferentes lares.

Contudo, nos idos de 1935 havia outro espaço sagrado privilegiado na cartografia do romeiro. Era o Horto e as ruínas de seu templo. Como Odísio afirmou, “não é só em Roma que as pedras das antigas ruínas falam a história, também em Joazeiro, na igreja do Horto, as paredes abundadas e as casinhas umildes contam a sua tragédia” (ODÍSIO, 2006, p. 121). No Horto, era possível contemplar a paisagem do vale do Cariri, mas também tocar nas pedras de ruínas que testemunharam a história do “profeta Elias”¹⁶ e do sonho não concluído do Padre Cícero:

¹⁶ No processo de construção do templo os pedreiros e serventes construíram suas casas próximas ao templo e passaram a se auto intitular com nomes de santos, liderados pelo “Profeta Elias” e tendo como centro de devoção “um boi sagrado”. Esse movimento acabou de forma trágica, com intervenção policial, agressões, prisões e morte do boi. Cf (ODÍSIO, 2006; LOURENÇO FILHO, 2002).

Ao norte de Joazeiro, longe três quilômetros da cidade, existe uma pequena serra sobre a qual, no ponto mais culminante, o padre iniciou a vasta construção de um templo, ao qual baptisou de Horto; ainda existem os paredões, colossais, largos metro e meio, levantados até pouco metros da terra, esta obra devia coroar a missão de templário do padre Cícero, mas infelizmente o seu vasto e grandioso plano não pode ter fim (ODÍSIO, 2006, p. 126).

As ruínas do templo sinalizavam um anseio não concretizado. De alguma forma, para o romeiro era um testemunho das perseguições sofridas pelo Padre Cícero e reafirmava a conotação sagrada do monte. Assim como o Horto de Jerusalém, o do Santo Juazeiro emergia como espaço de expiar os pecados, de fazer penitência, de encontrar a salvação. O Horto era a testemunha da história. Uma história traçada por mito e mística.

Considerações finais

Em uma crônica sobre o Padre Cícero publicada em 1944, Rachel de Queiroz elucidava a potencialização dos escritos intelectuais como fontes históricas. No seu entender:

Tudo isso anda na boca do povo, nos versos dos cantadores, na lembrança de cada um – e afinal, não são nessas mesmas fontes que se colhem os feitos ilustres, contados mais tarde nos florilégios? E em que outro lugar as abebera a história? Em documentos? Mas não há tanta carta narrando os milagres de Meu Padrinho! Daqui há alguns anos, essas cartas estão amarelas e roídas de traça e os estudiosos as manusearão nas bibliotecas, e serão também chamadas de documentos... Até mesmo estas linhas que escrevo, ou outras que escrevi sobre o mesmo assunto, há uns oito anos, não serão consideradas documentos, lidas em velhos jornais pelos pesquisadores de 1970 ou 80? (QUEIROZ, 26.03.1944, p. 29).

A provocativa assertiva da literata cearense explicita uma questão relevante atinente ao processo de escrita dos intelectuais: a consciência de que estão produzindo testemunhos históricos, que de alguma forma, potencializarão o contato dos historiadores

com as experiências apreendidas pelos sujeitos do passado. Neste sentido, as notas publicadas em jornais e os diários escritos no ateliê de um artista reverberam um projeto de futuro, um esforço em orientar o olhar que o futuro lançará acerca do passado.

Pautado nesta provocação de Rachel de Queiroz, penso na potencialidade desses registros históricos. Tanto Lourenço Filho quanto Agostinho Odísio buscaram construir uma leitura sobre o Santo Juazeiro a partir de valores e concepções exógenas. Era o olhar observador externo que concatenava as vivências no lugar e traduzia para a apreensão de um leitor que se encontrava ausente. É um caso de escrita na qual se descreve a paisagem para o não viajante, no intuito de se forjar um quadro exótico.

Considerando essas ressalvas, a experiências desses dois mediadores culturais no Santo Juazeiro possibilitaram a escrita acerca da constituição dos espaços sagrados na terra do Padre Cícero em um contexto marcado pelos últimos momentos de presença do sacerdote e nos primeiros anos após o falecimento. A sacralidade espacial emerge neste sentido como uma cartografia do romeiro e dos beatos, sujeitos que fazem a história e valoram os espaços.

Com isso, foram esses romeiros e beatos, sujeitos anônimos e devotos seguidores do Padre Cícero que protagonizaram a reordenação dos espaços sacralizados no Santo Juazeiro. Usaram da experiência mística como um elo identitário. Usaram da devoção como um recurso de resistência. Foram os romeiros que por meio da insistente presença nos lugares santos que tornaram o Santo Juazeiro um dos mais emblemáticos santuários do mundo.

Referências:

ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. *Memória e história: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na narrativa histórica*. São Paulo, 123f. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC, 2011.

BRAGA, Antônio Mendes Costa. *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo*. Porto Alegre, 419f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, 2007.

CASIMIRO, Renato. Apresentação. In: ODÍSIO, Agostinho Balmes. *As memórias sobre o Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 7-10.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. 3ª ed. Trad. Maria Yedda Linhares. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COSTA, Deane Monteiro Vieira. Lourenço Filho e o Juazeiro do Padre Cícero: uma hierarquia discursiva civilizacional. *Notandum*. Ano XXII, nº 49, 2019, p. 21-40.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Uma Santa no Ceará. *Diário de Pernambuco*. Nº 93, 24 de abril de 1887, p. 3.

DINIZ NETO, Napoleão Duarte. *Os ranchos familiares como meio de hospedagem dos romeiros do Juazeiro do Norte*: uma experiência de economia solidária no setor de turismo. Juazeiro do Norte, 127f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Turismo), UFC, 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro*: a beata do Milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos. Apresentação: Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos (Orgs). *Intelectuais mediadores*: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-40.

GUIMARÃES, Ana Teresa; DOUMOULIN, Annette. Romeiros (as) e romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular, uma visão antropológica. *Revista Cultura Teológica*. V. 17, nº 67, 2009, p. 9-40.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero*. 4ª ed. Brasília: INEP/MEC, 2002 [1926].

MARQUES, Lourival. *A morte do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, 1934.

MONARCHA, Carlos. *Finisterra*: Bergström Lourenço Filho sertões adentro. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

MONARCHA, Carlos. Prefácio. In: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero*. 4ª ed. Brasília: INEP/MEC, 2002, p. 11-17.

NICOLAZZI, F. O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em Os sertões. *História da Historiografia*: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 2, n. 2, 2009, p. 67-85.

NETO, Lira. *Padre Cícero*: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos. *Incêndios da alma*: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. Rio de Janeiro, 293f. Tese (Doutorado em História). UFRJ, 2014.

NOBRE, Edianne dos Santos. O sagrado e a teatralização do mundo: espaços de salvação e purgação nos relatos das beatas do Padre Cícero. *Revista de História*. Nº 169, 2013, p. 381-409.

NOBRE, Edianne dos Santos. *O teatro de Deus*: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). Natal, 200f. Dissertação (Mestrado em História), UFRN, 2010.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. *As memórias sobre o Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006 [1935].

POLLAK-ELTZ, Ángelina. Religião y cultura: algunas consideraciones desde el punto de vista antropológico. In: *Memórias IV Jornada de História y Religião: religião y investigación social*. Caracas, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. O padre Cícero Romão Batista. *Correio da Manhã*. Nº 15.152, 26 de março de 1944, p. 29.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Imagens do Padre Cícero: sagrado e profano*. Fortaleza: Museu do Ceará, 1999.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Narrativas em fogo cruzado: Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. *Trajeto: Revista de História da UFC*. V. 2, nº 3, 2002, p. 153-184.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Entre a casa do santo e o santo da casa. In: ODÍSIO, Agostinho Balmes. *As memórias sobre o Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 11-24.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: o território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RIBEIRO, Maria das Graças de Oliveira Costa. *Dores e cores nas mal traçadas linhas dos devotos do Padre Cícero: as trocas linguísticas instauradas entre o discurso eclesial e o discurso epistolar dos romeiros*. Natal, 290f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). UFRN, 2014.

ROSENDAHL, Zeny. *Porto das Caixas: espaço sagrado da baixada fluminense*. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia), USP, 1994.

ROSENDAHL, Zeny. Le pouvoir du sacré sur l'espace: Muquém et Santa Cruz dos Milagres au Brésil. *Geographie et cultures*. Nº 12, 1994, p. 71-86.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia da Religião: uma proposição temática. *GeoUsp: Espaço e tempo*. nº 11, 2002, p. 9-19.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. *Espaço e Cultura*. 2008, p. 67-79.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. *Padre Cícero do Juazeiro: condenação e exclusão à reabilitação eclesial*. Maceió: EDUFAL, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Uma história de pés descalços: a experiência dos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (Sergipe, Brasil). *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano 12, n 34, 2019^a, p. 173-200.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. No silêncio da clausura: videntes de aparições marianas no Brasil (1928-1937). *Revista Diálogos Educacionais*. V. 19, nº 63, 2019b, p. 1397-1417.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *O prefácio dos tempos: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em São Cristóvão (séculos XIX e XX)*. Niterói, 320f. Tese (Doutorado em História). UFF, 2015.

SILVA, Amanda Teixeira da. “A fisionomia da pedra”: um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio. *Espacialidades*. V. 8, n° 1, 2015, p. 75-89.

SLATER, Candance. *Trail of Miracles: histories from a pilgrimage in Northeast Brazil*. Los Angeles: University of California Press, 1986.

STUDART, Heloneida. *O torturador em romaria*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

VENÂNCIO FILHO, Raimundo. *O sagrado e o profano no sertão da Bahia: a religiosidade em Monte Santo*. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

VIDAL, Tamara Mudarra. Las romerías como hechos sociales. *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*. V. 11, n° 2, 2015, p. 1-17.

WALKER, Daniel. *Padre Cícero na berlinda*. Juazeiro do Norte-CE: RocketEdition, 1999.